

ANNE
• DE •
WINDY
POPLARS

• CLÁSSICOS AUTÊNTICA •

Copyright © 2020 Autêntica Editora

Imagens licenciadas do site <etc.usf.edu/cipart> © 2020 by the University of South Florida

Título original: *Anne of Windy Poplars*

Fonte: MONTGOMERY, L. M. *Anne of Windy Poplars*. Londres: Arcturus Publishing Limited, 2017.

Fontes digitais: <http://gutenberg.net.au/ebooks01/0100251h.html>
<https://www.globalgreybooks.com/anne-of-windy-poplars-ebook.html>

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora Ltda. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDIÇÃO GERAL E PROVAÇÃO DE TEXTO
Sônia Junqueira

DIAGRAMAÇÃO
Guilherme Fagundes

CAPA
Diogo Droschi
(sobre esculturas de papel
de Marcelo Bicalho)

REVISÃO
Júlia Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montgomery, Lucy Maud, 1874-1943
Anne de Windy Poplars / Lucy Maud Montgomery ; tradução
Márcia Soares Guimarães. – 1. ed. – Belo Horizonte : Autêntica, 2020.
– (Clássicos Autêntica ; 4 / coordenação Sônia Junqueira)

Título original: *Anne of Windy Poplars*
ISBN 978-65-88239-84-1

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Guimarães, Márcia Soares.
II. Título. III. Série.

20-47521

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
 2. Ficção : Literatura juvenil 028.5
- Cíbele Maria Dias - bibliotecária - CRB-89427

 GRUPO AUTÊNTICA

Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420
Silveira - 31140-520
Belo Horizonte - MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

São Paulo
Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar - Conj. 2310-2312
Cerqueira César -
01311-940 São Paulo - SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br





Capítulo I

(Carta de Anne Shirley, bacharel e diretora da Summerside High School, para Gilbert Blythe, estudante de medicina em Redmond College, Kingsport.)

Windy Poplars,
Spook's Lane,
Summerside, P.E.I.,
Segunda-feira, 12 de setembro



Meu querido,

Esse não é um endereço e tanto? Já ouviu algo tão encantador? Windy Poplars é o nome de meu novo lar, e eu o adoro. E também amo Spook's Lane, que, a propósito, não existe legalmente. Deveria ser Trent Street, mas ninguém usa esse nome, exceto nas raras ocasiões em que a rua é mencionada no periódico *Weekly Courier*... e então as pessoas se

entreolham e dizem: “Onde será isso?”. Ora, é nada mais nada menos do que a Spook’s Lane, embora eu não saiba o porquê desse outro nome. Já perguntei a Rebecca Dew, mas tudo o que ela pôde me dizer é que a rua sempre foi chamada de Spook’s Lane e que, até alguns anos atrás, havia um antigo rumor sobre ela ser mal assombrada.” No entanto, a própria Rebecca Dew afirma que nunca viu nada por aqui que tivesse uma aparência mais assustadora do que a *dela mesma*.

Bem, não devo antecipar minha história. Você ainda não conhece Rebecca Dew. Porém, vai conhecê-la; sim, você vai conhecê-la! Posso prever que Rebecca Dew estará bastante presente em minhas próximas cartas.

O Sol está se pondo agora, meu querido; é o crepúsculo (e, diga-se de passagem, “crepúsculo” não é uma palavra adorável? Gosto mais do que de “anoitecer”. Ela tem um som tão cristalino, tão doce e... e... romântico!). À luz do dia, pertencço ao mundo; durante a noite, ao sono e à eternidade. Contudo, no crepúsculo sou livre e pertencço somente a mim mesma... e a você. Por isso, vou dedicar meus crepúsculos a escrever para você, ainda que esta não seja uma carta de amor. A pena de minha caneta está arranhando, e não consigo escrever cartas de amor com uma pena que arranha, ou que não solta bem a tinta, ou que borra. Portanto, você só vai ganhar uma carta desse tipo quando eu tiver uma caneta exatamente adequada. Enquanto isso, vou lhe contar sobre minha nova residência e seus habitantes. Gilbert, são pessoas incríveis!

Vim até aqui ontem para procurar uma pensão. A senhora Rachel Lynde veio comigo; aparentemente, ela precisava fazer algumas compras, mas, na verdade, sei bem, queria mesmo era escolher um lugar apropriado para mim. Apesar de meu curso na Queen’s e de meu bacharelado em Redmond, a senhora Lynde ainda me considera uma jovem inexperiente que precisa sempre ser orientada, guiada e supervisionada.

Vimos de trem, e, oh, Gilbert, tive uma aventura inacreditável! Você sabe que sempre fui aquele tipo de gente para quem as aventuras sempre chegam inesperadamente, não é verdade? Parece que eu as atraio.

O fato aconteceu no momento em que o trem estava prestes a parar na estação. Eu me levantei e me inclinei para pegar a maleta da senhora Lynde (ela planejava passar o domingo com uma amiga, em Summerside).

Para isso, apoiei minha mão no que achei que fosse o braço lustroso de uma poltrona. Então, recebi imediatamente um tapa tão violento sobre ela que quase dei um berro. Gilbert, o que eu havia imaginado ser o braço de um assento era a careca de um homem! Ele olhou furiosamente para mim e notei, sem dúvida nenhuma, que havia acabado de acordar. Pedi desculpas humildemente e desci do trem o mais depressa possível, mas, na última vez em que o vi, o homem ainda estava me encarando. A senhora Lynde ficou horrorizada, e meus dedos continuam doloridos.

Eu não esperava ter muita dificuldade em encontrar uma pensão, já que uma certa senhora Tom Pringle tem hospedado quem vem de fora para dirigir a Summerside High School nos últimos quinze anos. Entretanto, por alguma razão desconhecida, ela se cansou subitamente do trabalho que isso lhe gerava e não vai me abrigar. Para piorar a situação, diversos outros lugares convenientes apresentaram desculpas educadas. Os demais não eram convenientes. Andamos pela cidade a tarde inteira e ficamos acaloradas, cansadas, desanimadas e com dor de cabeça – pelo menos, *eu* fiquei. Já estava sem nenhuma esperança, pronta para desistir, quando Spook's Lane entrou em cena.

Tínhamos ido visitar a senhora Braddock, uma velha comadre da senhora Lynde, e ela comentou que achava provável que “as viúvas” me hospedassem.

– Ouvi dizer que elas querem uma pensionista para ter como pagar o salário de Rebecca Dew. Não têm mais condições de mantê-la trabalhando para elas a não ser que consigam uma renda extra. E, se Rebecca se for, quem vai ordenhar a velha vaca vermelha?

A essa altura, a senhora Braddock me lançou um olhar severo, como se pensasse que *eu* deveria ordenhar a vaca vermelha; ela não acreditaria, nem se eu jurasse, que eu tinha capacidade para isso.

– De que viúvas você está falando? – indagou a senhora Lynde.

– Ora, tia Kate e tia Chatty – disse a senhora Braddock, como se todo mundo, mesmo um bacharel ignorante, devesse saber disso. – Tia Kate é a senhora Amasa MacComber (é a viúva do capitão MacComber), e tia Chatty é a senhora Lincoln MacLean (apenas uma viúva comum), mas todas as chamam de “tia”. Elas moram no final da Spook's Lane.

Spook's Lane! Isso foi o bastante para que eu compreendesse que *tinha* de me instalar na casa dessas viúvas.

– Podemos falar com elas agora mesmo? – supliquei à senhora Lynde. Tive a sensação de que, se perdêssemos um minuto sequer, Spook's Lane deixaria de existir e retornaria à terra da fantasia.

– Vocês podem até conversar com as viúvas, mas é Rebecca que vai realmente decidir se elas vão hospedar a senhorita ou não. Rebecca Dew é quem manda em Windy Poplars. Ouçam o que eu digo.

Windy Poplars! Não podia ser verdade; não, era difícil acreditar. Só poderia ser um sonho. E a senhora Rachel Lynde ainda comentou que esse é um nome muito estranho para um lugar...

– Foi o capitão MacComber que deu nome à propriedade. Afinal, ela era dele. E também foi ele que plantou os álamos ao redor de toda a casa. O capitão tinha muito orgulho deles, embora raramente estivesse por lá; e, mesmo quando estava, não permanecia por muito tempo. Tia Kate costuma dizer que isso não era bom, porém nunca soubemos verdadeiramente se ela se referia às suas curtas estadas ou às suas voltas para casa. Bem, senhorita Shirley, espero que obtenha sucesso. Rebecca Dew é boa cozinheira e possui uma aptidão extraordinária para preparar saladas de batata. Se ela simpatizar com você, tenha certeza de que vai ser muito bem tratada em Windy Poplars; caso contrário... Bem, há um boato de que tem um bancário novo na cidade procurando uma pensão, e ela pode preferi-lo. Não me surpreende a senhora Tom Pringle não ter hospedado a senhorita. Sabe, Summerside está cheia de parentes diretos e indiretos dela. São todos chamados de “a família real”, e a senhorita vai ter de agradá-los se quiser ser bem recebida em Summerside High School. A vontade deles sempre prevaleceu por aqui. Formam um verdadeiro clã, mas são as duas velhas proprietárias de Maplehurst que comandam a tribo. E ouvi dizer que estão zangadas com a senhorita.

– Por que estariam? – perguntei, intrigada. – Não me conhecem nem sabem nada a meu respeito.

– Bem, um primo de terceiro grau delas se candidatou à diretoria da escola, e toda a família acha que ele é quem deveria ter sido escolhido. Quando a senhorita foi nomeada, todo o clã, sem nenhuma exceção, ficou

revoltado. Bem, as pessoas são assim, não é verdade? Temos de aceitá-las como se revelam para nós, sabem disso. Vão ser doces como mel com a senhorita, mas não vão perder uma oportunidade de prejudicá-la. Não quero desencorajar a senhorita, mas, como diz o ditado, é melhor se prevenir do que remediar. Vai fazer bem se não aborrecê-las mais. E, se as viúvas a hospedarem, espero que não se importe de comer à mesa com Rebecca Dew. Sabe, ela não é uma *criada*; é uma prima distante do capitão. Rebecca não se senta à mesa quando há convidados... Nessas ocasiões, ela conhece *bem* seu lugar. Entretanto, se a senhorita vai morar lá por uns tempos, ela não vai considerá-la uma visitante, claro.

Após garantir à ansiosa senhora Braddock que adoraria fazer as refeições ao lado de Rebecca Dew, arrastei a senhora Lynde para fora dali. Afinal, eu *precisava* chegar antes do bancário.

A senhora Braddock nos acompanhou até a porta.

– E tome cuidado para não ferir os sentimentos de tia Chatty, está bem? Ela se magoa facilmente; é muito sensível, coitada. Na verdade, ela não tem tanto dinheiro quanto tia Kate, embora esta também não possua muito. E tia Kate gostava bastante de seu marido... seu próprio marido, lógico... Mas tia Chatty não... quer dizer, não gostava do marido. Ora, não é de admirar! Lincoln MacLean era um velho inegavelmente rabugento. Contudo, ela pensa que as pessoas a culpam por isso. Ouça, é uma sorte hoje ser sábado. Se fosse sexta-feira, tia Chatty nem consideraria abrigá-la. A senhorita pode achar que tia Kate é a supersticiosa. Afinal, marinheiros (e o marido dela era um) costumam ser assim. Mas, de fato, é a tia Chatty que tem superstições... embora *seu* marido fosse carpinteiro. A coitada era muito bonita quando jovem, diga-se de passagem.

Assegurei à senhora Braddock que os sentimentos de tia Chatty seriam sagrados para mim. No entanto, não bastou; ela caminhou conosco ao longo da alameda.

– Kate e Chatty não vão vasculhar seus pertences quando a senhorita estiver fora; ambas são bastante escrupulosas. Talvez Rebecca Dew faça isso, mas não vai comentar nada a esse respeito. Bem, se eu fosse a senhorita, não me dirigiria à porta da frente. Ela só é usada em ocasiões realmente importantes. Acho que não foi aberta desde o funeral de Amasa.

Tente a porta lateral. A chave fica debaixo do vaso de flores no parapeito da janela; portanto, se não tiver ninguém em casa, simplesmente destranque a porta, entre e espere. E não elogie o gato de modo algum, porque Rebecca Dew não gosta dele.

Prometi que não diria nada sobre o gato, e finalmente conseguimos ir embora. Pouco tempo depois, estávamos em Spook's Lane. É uma rua secundária bem curta que termina em um campo; lá adiante, uma colina azulada cria um belo pano de fundo. De um lado, não há absolutamente nenhuma casa, e a altura do terreno diminui gradualmente até chegar ao porto. Do outro lado, tem somente três construções. A primeira é simplesmente uma casa; não há nada mais a dizer sobre ela. A segunda é uma mansão enorme, imponente e sombria, de tijolos de pedra vermelha, com janelas sobre o telhado e tantos pinheiros e abetos ao seu redor que mal se consegue ver a casa; deve ser assustadoramente escuro dentro dela. E a terceira e última é Windy Poplars, bem na esquina. À sua frente, a rua está coberta de relva, e a seu lado existe uma verdadeira estrada rural, cheia de árvores cujas sombras a enfeitam esplendidamente.

Eu me apaixonei por Windy Poplars imediatamente. Você sabe, Gilbert, há casas que nos impressionam à primeira vista, por alguma razão que não podemos definir. Windy Poplars é assim. Posso até descrevê-la como uma casa branca – muito branca – de madeira, com persianas verdes – muito verdes – e, em um dos lados, uma espécie de torre. Tem duas janelas sobre o telhado dianteiro e é separada da rua por um muro baixo de pedra, ao longo do qual crescem álamos brancos. Atrás dela, há um grande jardim onde flores e hortaliças estão desordenada e magnificamente misturadas. Entretanto, todas essas palavras são incapazes de transmitir a você o encanto do lugar. Em resumo, é uma casa com uma personalidade deslumbrante e alguma coisa do fascínio de Green Gables.

– Este é o lugar que eu procuro... foi predestinado para mim – falei, extasiada.

A senhora Lynde me olhou com ar de quem não acredita em predestinação.

– É uma caminhada bem longa até a escola, Anne – comentou, relutante.

– Não me importo. Vai ser um bom exercício. Oh, veja aquele bosque adorável de bétulas e bordos do outro lado da estrada!

Ela olhou, mas tudo o que disse foi:

– Espero que você não seja importunada por mosquitos.

Também desejei isso, pois detesto mosquitos. Um único inseto desses pode me tirar o sono com mais facilidade do que uma consciência pesada.

Fiquei aliviada por não ter de entrar pela porta da frente; ela me pareceu tão ameaçadora! É uma porta imensa de madeira, dividida em duas partes verticais – uma abre para a esquerda, e a outra, para a direita – e ladeada por dois painéis de vidro vermelho decorados com desenhos florais. Não tem nada a ver com o resto da casa.

A porta lateral, pequena e verde, à qual chegamos por meio de um adorável caminho de pedras finas e lisas de arenito afundadas na grama com pequenos intervalos, é muito mais simpática e convidativa. Esse caminho de pedras é margeado por canteiros – primorosos e muito bem cuidados – de capim-amarelo, lírios, arbustos de artemísias, margaridas vermelhas e brancas, o que a senhora Lynde chama de “piônias”, entre outras. Obviamente, não estão todas floridas nesta época do ano, mas é possível ver que as flores haviam desabrochado, e muito bem, em seu devido tempo.

Há também um conjunto de roseiras em um canto do quintal, perto de um muro de tijolos que separa Windy Poplars da casa sombria. O muro está todo coberto por uma trepadeira, e, no meio dele, tem uma treliça arqueada acima de uma porta verde com a pintura desbotada. Ramos de uma videira passam sobre essa porta, indicando que ela não é aberta há algum tempo. Na verdade, ela é apenas meia porta, pois a metade superior é um retângulo aberto, através do qual pude vislumbrar um jardim abandonado no outro lado.

Assim que passamos pelo portão do jardim de Windy Poplars, vi uma pequena moita de trevos bem ao lado do caminho de pedras; imediatamente um impulso fez com que eu me inclinasse e a observasse. Gilbert, você acredita que ali, diante de meus olhos, havia *três* trevos de quatro folhas?! Não foi um bom presságio? Nem os Pringle poderiam negar

isso. Naquele momento me convenci de que o bancário não tinha absolutamente nenhuma chance.

A porta lateral estava aberta; portanto, era evidente que havia alguém em casa, não precisaríamos pegar a chave debaixo do vaso de flores. Batemos, e Rebecca Dew veio nos atender. Soubemos no mesmo instante que era ela porque aquela mulher não poderia ser nenhuma outra pessoa no mundo, nem ter recebido qualquer outro nome.

Rebecca Dew tem por volta de 40 anos e, se um tomate tivesse um cabelo negro que nascesse praticamente na testa, olhos pretos brilhantes, um nariz minúsculo com a ponta arredondada e uma fresta no lugar da boca, ele seria exatamente como ela. Tudo em Rebecca Dew é um pouco curto demais: braços, pernas, pescoço, testa, nariz... tudo menos o sorriso, que é longo o suficiente para ir de orelha a orelha.

Porém, não vimos seu sorriso quando ela abriu a porta. Ao contrário, pareceu bastante carrancuda no momento em que perguntei se poderia falar com a senhora MacComber.

– Está se referindo à senhora *capitão* MacComber? – perguntou em tom de repreensão, como se houvesse pelo menos uma dúzia de senhoras MacComber na casa.

– Sim – respondi amavelmente.

Então, fomos prontamente conduzidas à sala e deixadas lá. É um cômodo pequeno e formoso; na verdade, está um pouco entulhado de panos sobre os estofados, mas possui uma atmosfera tranquila e simpática que me agradou profundamente. Cada peça da mobília tem um lugar próprio que, ao que tudo indica, vem sendo ocupado há anos. E como brilham, aqueles móveis! Nenhum verniz comprado pronto jamais produziu esse efeito perfeitamente espelhado; compreendi que aquilo só podia ser resultado de um trabalho vigoroso de polimento feito por Rebecca Dew. Sobre a lareira, havia, dentro de uma garrafa, a miniatura de um navio com muitas velas. A senhora Lynde ficou muito interessada por ele e disse que, apesar de não conseguir entender como aquela embarcação tinha ido parar ali, ela achava que o objeto conferia “certo ar náutico” à sala.

Por fim, as viúvas apareceram. Gostei delas imediatamente. Tia Kate é alta, magra, grisalha e ligeiramente austera; tem o mesmo tipo físico de Marilla. Já tia Chatty é baixa, e também é magra e grisalha; tem um ar um pouco melancólico. Deve ter sido muito bonita no passado, embora nada tenha restado de sua beleza, exceto os olhos, que são *adoráveis*: grandes, delicados e castanhos.

Expliquei por que tinha vindo, e as duas se entreolharam.

– Precisamos consultar Rebecca Dew – tia Chatty falou.

– Certamente – concordou tia Kate.

Portanto, Rebecca Dew foi convocada a vir da cozinha. O gato veio junto; um bichano cinzento-azulado grande e peludo, com o peito e o pescoço brancos. Tive vontade de acariciá-lo, mas me lembrei da advertência da senhora Braddock e o ignorei.

Rebecca Dew me olhou fixamente, sem sequer esboçar um sorriso.

– Rebecca – disse tia Kate, que, como constatei sem demora, não desperdiça palavras –, a senhorita Shirley deseja se hospedar aqui. Suponho que não seja possível.

– Por que não? – Rebecca Dew indagou.

– Receio que seria trabalho demais para você – tia Chatty respondeu.

– Estou bastante acostumada ao trabalho – afirmou Rebecca Dew.

Gilbert, não consigo separar os dois nomes dela; para mim, é *impossível*, embora as viúvas façam isso às vezes. Quando falam com ela, a chamam de Rebecca. Sinceramente, não sei como conseguem.

– Estamos suficientemente idosas para ainda termos jovens chegando e partindo – tia Chatty insistiu.

– Falem por si mesmas – retrucou Rebecca Dew. – Tenho só 45 anos e ainda possuo pleno domínio de minhas faculdades mentais. E *penso* que seria bom ter uma pessoa jovem morando nesta casa. Além disso, uma moça é sempre melhor do que um rapaz. *Ele* ficaria fumando o tempo todo... e acabaria nos queimando em nossas próprias camas. Se temos de hospedar alguém, *meu* conselho seria aceitar a senhorita Shirley. Entretanto, a casa é das senhoras, claro.

Disse isso e se retirou. Entendi logo que estava tudo decidido, mas tia Chatty falou que, antes de concluirmos a conversa eu deveria ir ao andar de

cima e ver se gostava do quarto.

– Vamos lhe oferecer o quarto da torre, querida. Não é tão grande quanto o de hóspedes, mas tem um sistema de aquecimento para o inverno e vistas muito mais bonitas. De uma das janelas, você pode observar o antigo cemitério.

Eu estava certa de que adoraria o quarto; o próprio nome, quarto da torre, já havia me conquistado. Tive a sensação de que estávamos vivendo aquela música antiga que costumávamos cantar nos tempos de escola em Avonlea, sobre uma donzela que morava em uma torre alta ao lado de um mar cinzento. E realmente ele se revelou um lugar encantador. Subimos um lance da escada encostada à parede e chegamos ao patamar em que fica a porta do quarto. É um cômodo pequeno, mas ainda assim é maior do que aquele horrível, no fundo de um corredor, que habitei durante meu primeiro ano em Redmond. Tem três janelas: duas sobre o telhado, sendo que uma dá para o oeste, e a outra, para o norte; a terceira, no canto formado pela torre, tem três lados, e abaixo dela há prateleiras para meus livros. O chão está repleto de tapetes trançados redondos. A cama é grande, tem um dossel e é coberta por uma colcha decorada com desenhos geométricos; parece tão perfeitamente lisa e esticada que dá pena desarrumá-la na hora de dormir. E, Gilbert, é tão alta que preciso subir um pequeno e engraçado conjunto portátil de degraus que, durante o dia, fica guardado debaixo dela. Acho que o capitão MacComber comprou essa engenhoca em algum outro país e a trouxe para casa.

Em um dos cantos, há um armário pequeno e gracioso; as prateleiras são forradas de papel branco com as bordas cortadas em zigue-zague, e há buquês de flores pintados na porta. E tem uma almofada redonda azul – uma almofada com um botão pregado bem fundo e exatamente no meio, fazendo com que ela lembre um enorme biscoito frito doce e azul – sobre um assento próximo à janela. O lavatório também é primoroso. O móvel tem duas prateleiras; na superior, o espaço é suficiente para uma bacia e um jarro azul-claro, e na de baixo cabem uma saboneteira e um outro jarro, para água quente. Sob elas, há uma gavetinha, com puxador de bronze, cheia de toalhas. E em uma prateleira acima do lavatório fica uma delicada miniatura de mulher de porcelana branca: ela está sentada, usando sapatos

cor-de-rosa com saltos dourados, um cinto também dourado e uma flor no cabelo louro.

Quando entramos, o cômodo inteiro estava iluminado pelos raios de sol que atravessavam as cortinas, em tom de amarelo-pálido, e as sombras dos álamos lá fora dançavam sobre uma tapeçaria rara pendurada em uma das paredes brancas: ela parecia estar viva, tremulando ao sabor do vento e mudando de aparência o tempo todo. De alguma forma, aquele me pareceu um quarto tão *feliz* que tive a sensação de ser a garota mais rica do mundo.

– Você vai estar segura nesta casa, essa é a verdade – a senhora Lynde afirmou, logo que saímos.

– Tenho receio de me sentir um pouco tolhida, depois da grande liberdade que tive em Patty’s Place – comentei só para provocá-la.

– Liberdade! – a senhora Lynde suspirou. – Liberdade! Não fale como um ianque, Anne.

Vim para cá hoje e já estou perfeitamente instalada. É claro que detestei sair de Green Gables: meu coração sempre fica apertado quando isso acontece. Independentemente do número de vezes e do período de tempo que fico longe de lá, no exato momento em que as férias chegam, passo a ser parte daquele lugar novamente, como se jamais o tivesse deixado para trás. No entanto, sei que vou gostar daqui e que Windy Poplars gosta de mim. Consigo perceber bem se uma casa simpatiza ou não comigo; nunca me enganei.

As vistas que minhas janelas proporcionam são deslumbrantes, até mesmo a do cemitério antigo, que é rodeado por uma fileira de abetos escuros à qual se tem acesso por uma alameda sinuosa na margem de um canal. Da janela que dá para o oeste, vejo todo o porto e além dele: são litorais distantes, cobertos de névoa, pequenos barcos a vela que adoro e navios que se dirigem “para portos desconhecidos” – que frase fascinante! São tantas possibilidades para a imaginação, Gilbert! A janela ao norte me mostra o bosque de bétulas e bordos do outro lado da estrada. Você sabe que sempre adorei as árvores. Quando estudamos Tennyson no curso de inglês que fizemos em Redmond, fiquei muito triste pela pobre Oenone^{***} lamentando seus pinheiros arrancados violentamente.

Para além do bosque e do cemitério, existe um vale adorável cortado por uma faixa vermelha brilhante, uma estrada que serpenteia por ele e ao longo da qual há casas brancas aqui e ali. Alguns vales são simplesmente adoráveis: não se pode dizer por quê, mas só de olhar para eles você se deslumbra. E logo depois está meu monte azul, que chamo de Rei da Tempestade.

Quando quero, consigo ficar completamente sozinha aqui em cima. Você sabe como é prazeroso ficar a sós de vez em quando. Nesses momentos, o vento é meu amigo. Ele geme, suspira e murmura em volta de minha torre – o vento branco do inverno, o vento verde da primavera, o vento azul do verão, o vento carmim do outono e todos os ventos bravios de todas as estações – o “vento tempestuoso que executa a sua palavra”.^{****} Sempre me emocionei com esse verso da Bíblia; é como se cada um de todos os ventos tivesse uma mensagem para mim. E sempre invejei o garoto que voou com o vento norte naquela história encantadora de George MacDonald’s.^{*****} Qualquer noite dessas, Gilbert, vou abrir minha janela e cair nos braços do vento... E então Rebecca Dew nunca saberá por que minha cama não foi desarrumada.

Espero que quando encontrarmos nossa “casa dos sonhos”, meu querido, haja ventos por lá. Fico me perguntando onde ela está... é uma casa ainda desconhecida. Vou gostar mais dela sob o luar ou ao amanhecer? Nossa futura casa, onde vamos ter amor, amizade, trabalho... e algumas aventuras divertidas que vão nos fazer dar gargalhadas na velhice. Velhice! Será que *nós* vamos ficar velhos algum dia, Gilbert? Hoje isso me parece impossível.

Da janela à esquerda, na torre, posso enxergar os telhados da cidade: eu os vejo daqui, deste lugar onde vou viver por pelo menos um ano. Nessas casas moram pessoas que, embora eu ainda não as conheça, talvez venham a ser minhas amigas. Ou inimigas, quem sabe? Afinal, há gente da laia dos Pye em todos os lugares, com todos os tipos de nomes, e sei que os Pringle podem ser incluídos nessa categoria.

A escola reabre amanhã. Vou ter de ensinar geometria! Porém, com certeza não pode ser pior do que aprender essa parte da matemática. Peço

aos céus que não haja nenhum gênio das ciências exatas entre os membros da família Pringle.

Estou aqui há apenas metade de um dia, mas sinto como se tivesse conhecido as viúvas e Rebecca Dew por toda a minha vida. As duas já me pediram para chamá-las de “tia”, e eu insisti que me tratassem por Anne. Chamei Rebecca Dew de “senhorita Dew”... uma só vez.

– Senhorita o quê? – ela disse.

– Dew – falei docilmente. – Não é esse seu nome?

– Bem, sim, é meu nome, mas não sou tratada como senhorita Dew há tanto tempo que me assustei. É melhor não me chamar assim de novo, senhorita Shirley, já que não estou acostumada a isso.

– Não vou esquecer, Rebecca... Dew – falei, fazendo, em vão, o maior esforço que pude para omitir o sobrenome.

A senhora Braddock estava totalmente certa quando disse que tia Chatty é sensível. Descobri isso durante o jantar, quando tia Kate comentou algo sobre o “aniversário de 66 anos de Chatty”. Então, olhei para tia Chatty e vi que... não, ela *não caiu em prantos*; seria um comportamento explosivo demais para ela. Na verdade, as lágrimas encheram seus grandes olhos castanhos e transbordaram fácil e silenciosamente.

– Qual é o problema agora, Chatty? – tia Kate perguntou, ligeiramente severa.

– Eu... eu completei só 65 anos – tia Chatty respondeu, melancólica.

– Peço perdão, Charlotte – tia Kate se desculpou, e tudo voltou ao normal.

O gato é adorável; é macho, tem olhos cor de mel e um pelo empoeirado, mas perfeitamente elegante. Tia Kate e tia Chatty o chamam de Dusty Miller, porque esse é o nome dele, e Rebecca o chama de Aquele Gato, porque não gosta dele e lhe desagrada ter de alimentá-lo com um pedaço de fígado do mesmo tamanho todos os dias pela manhã e ao anoitecer, tirar seus pelos da poltrona da sala com uma escova de dentes velha sempre que ele se deita lá, e caçá-lo quando ele fica fora de casa até tarde da noite.

– Rebecca Dew sempre detestou gatos – tia Chatty me contou. – E odeia Dusty em particular. O cachorro da velha senhora Campbell (ela

mantinha um cachorro, na época) o trouxe na boca, há dois anos. Penso que ele achou que não adiantava levá-lo à sua dona. Era um gatinho tão pobre e miserável, todo molhado e tremendo de frio, com seus pequenos ossos quase grudados na pele. Nem mesmo um coração de pedra poderia ter se recusado a abrigá-lo. Kate e eu o adotamos, mas Rebecca Dew jamais nos perdoou realmente por isso. Não fomos diplomáticas. Não deveríamos tê-lo acolhido. Não sei se você já percebeu – tia Chatty olhou cautelosamente para a porta entre a sala de jantar e a cozinha – como lidamos com Rebecca Dew.

Sim, eu *havia* percebido, e era algo bonito de ver. Summerside e Rebecca Dew podem achar que é ela quem manda nesta casa, mas as viúvas sabem que isso não é verdade.

– Não queríamos hospedar o bancário: um rapaz aqui seria inquietante *demais*, e teríamos de viver preocupadas caso ele não frequentasse a igreja regularmente. No entanto, fizemos de conta que desejávamos recebê-lo, e Rebecca Dew simplesmente não quis nem ouvir falar a esse respeito. Estou tão contente por ter você conosco, querida! Tenho certeza de que vai apreciar nossa comida. E espero que goste também de todas nós. Rebecca Dew possui algumas ótimas qualidades. Quando veio para Windy Poplars, quinze anos atrás, ela não era tão asseada como é hoje. Certa vez, Kate teve de escrever o nome dela, Rebecca Dew, em letras bem grandes no espelho da sala para lhe mostrar como estava empoeirado. Contudo, ela nunca mais teve de fazer isso outra vez. Rebecca Dew sabe interpretar uma mensagem. Espero que você ache seu quarto confortável, querida. Pode deixar as janelas abertas durante a noite, se quiser. Kate não gosta do ar noturno, mas entende que os hóspedes devem ter privilégios. Como nós duas dormimos no mesmo quarto, fizemos um acordo: uma noite, a janela fica fechada, para agradá-la, e na seguinte, fica aberta para me satisfazer. Sempre se pode resolver problemas pequenos como esse, não acha? Querer é poder. Não se assuste se escutar Rebecca Dew perambulando pela casa no meio da noite. Ela sempre escuta barulhos e se levanta para investigá-los. Acho que é por isso que ela não queria que recebêssemos o bancário. Teve medo que ele a visse de camisola em uma dessas ocasiões. Por favor, não se importe por Kate falar pouco. É apenas o jeito dela. E é uma pena, porque Kate deve ter

tantas aventuras para contar... Em sua juventude, ela viajou pelo mundo todo com Amasa MacComber. Eu realmente gostaria de ter, para conversar, os assuntos que ela tem, mas não saí nenhuma vez de Prince Edward Island. Sempre me pergunto por que as coisas têm de ser assim: eu, que adoro falar, não tenho nada a dizer; e Kate, que detesta conversar, tem tantas histórias... Entretanto, suponho que a Providência sabe o que faz.

Embora tia Chatty seja uma verdadeira tagarela, não foi sem interrupções que ela disse tudo isso. Fiz alguns comentários em intervalos apropriados, mas não foi nada que tivesse qualquer importância.

As viúvas possuem uma vaca que pasta na propriedade do senhor James Hamilton, perto daqui, e Rebecca Dew vai até lá para ordenhá-la. O leite tem bastante nata, e já percebi que todo dia, de manhã e no fim da tarde, Rebecca Dew passa um copo dele, bem fresco – pelo retângulo aberto da porta verde desbotada que há no muro –, para a “Mulher da senhora Campbell”. O leite é para a “pequena Elizabeth”, que precisa tomá-lo por ordens médicas. Quem são essa “Mulher” e a “pequena Elizabeth”, eu ainda tenho de descobrir. A senhora Campbell é a habitante e proprietária da mansão, ou fortaleza, vizinha, que se chama The Evergreens.

Não espero dormir esta noite. Nunca durmo na primeira noite em uma cama estranha, e *esta aqui* é a cama mais estranha que já vi. Mas não me importo com isso. Sempre amei a noite e vou gostar de ficar deitada pensando na vida – no passado, no presente e em tudo o que está por vir; especialmente, naquilo que *está por vir*.

Esta é uma carta impiedosa, Gilbert. Não vou lhe impor mais nenhuma outra tão longa. A verdade é que eu queria contar tudo para que você pudesse visualizar meu novo ambiente. Vou terminá-la agora, pois lá adiante, no porto, a lua já está mergulhando na terra das sombras. Ainda quero escrever para Marilla. A carta deve chegar ao posto do correio depois de amanhã, e Davy vai levá-la para Green Gables. Em seguida, ele e Dora vão se sentar bem perto de Marilla, enquanto ela abre o envelope, e a senhora Lynde vai ficar com os ouvidos bem atentos. Oh, isso me deixou com saudade de casa. Boa noite, meu querido!

Daquela que é e sempre será apaixonadamente sua,

Anne Shirley 





Capítulo II

(Fragmentos de algumas cartas de Anne para Gilbert.)

26 de setembro



Sabe aonde vou para ler suas cartas? Ao bosque do outro lado da estrada. Existe lá um pequeno vale onde os raios do sol realçam os tons verdes das samambaias. Um riacho serpenteia por ele. Há um tronco de árvore retorcido e coberto de musgo sobre o qual eu me sento, além de uma fileira encantadora de jovens bétulas irmãs. Depois, quando tenho certo tipo de sonho – um sonho verde e dourado, com manchas vermelhas, o mais belo de todos os sonhos –, agrado minha imaginação com a crença de que ele veio de meu vale secreto de bétulas e nasceu de uma união mística entre a mais esbelta e tênue das irmãs e o riacho murmurante. Adoro me sentar lá e escutar o silêncio do bosque. Já percebeu quantos silêncios existem, Gilbert? O silêncio das matas... do

litoral... dos campos... da noite... da tarde de verão. São todos diferentes, porque as notas que os tecem não são as mesmas. Tenho certeza de que, se eu fosse completamente cega e insensível ao calor e ao frio, ainda assim saberia sem dificuldade dizer onde estava simplesmente pelo tipo de silêncio ao meu redor.

A escola reabriu duas semanas atrás, e já tenho tudo bem organizado. Porém, a senhora Braddock estava certa: os Pringle são meu problema. Até agora, apesar de meus trevos da sorte, ainda não sei exatamente como vou lidar com eles. Como disse a senhora Braddock, eles são doces como mel, mas verdadeiramente ardilosos.

Os Pringle são uma espécie de clã em que uns vigiam os outros e todos brigam entre si, mas, quando se trata de um forasteiro em Summerside, todos são “unha e carne”. Pude concluir que há somente dois tipos de pessoas por aqui: as que são Pringle e as que não são.

Minha turma de alunos está cheia deles, e vários outros que não possuem esse sobrenome têm também o sangue dos Pringle correndo nas veias. E, ao que tudo indica, quem os lidera é Jen Pringle, uma pirralha de olhos verdes que provavelmente se parece bastante com Becky Sharp^{*****} aos 14 anos de idade. Acho que ela está deliberadamente organizando uma campanha traiçoeira de insubordinação e desrespeito contra a qual não sei como devo lutar. A garota tem a habilidade de fazer caretas irresistivelmente cômicas, e, quando ouço atrás de mim uma onda de risadas abafadas atravessando a sala, sei perfeitamente bem quem a causou, mas até hoje não consegui pegá-la em flagrante. E a pestinha é inteligente também. Escreve composições que são quase obras literárias e é excelente em matemática. Ai de mim! Há um *brilho* em tudo o que ela diz e faz, e a menina tem um senso de humor que, com certeza, seria um vínculo por afinidade entre nós duas se ela já não tivesse chegado me odiando. Do jeito que as coisas estão, receio que vá demorar muito para que eu e Jen possamos rir *juntas* a respeito de alguma coisa.

Myra Pringle, prima de Jen, é a beldade da escola, mas tudo indica que não é nada perspicaz. Comete erros realmente admiráveis, como quando afirmou hoje, durante a aula de história, que os índios acharam que

Champlain^{*****} e seus homens eram deuses ou quaisquer outros “seres não humanos”.

Socialmente, os Pringle representam o que Rebecca Dew chama de “elite de Summerside”. Já fui convidada para dois jantares em casas de pessoas da família Pringle. É de bom tom, aqui, receber para essa refeição um novo professor, e os Pringle jamais deixariam de cumprir essa formalidade. Ontem à noite estive na casa de James Pringle, o pai de Jen. Ele tem a aparência de um professor universitário, mas, na verdade, é estúpido e ignorante. Falou bastante sobre *disciplina*, sempre tamborilando sobre a toalha de mesa – com um dedo cuja unha não tinha nada de impecável – e, ocasionalmente, ferindo a gramática de uma forma terrível.

– A Summerside High School sempre contratou professores rígidos, experientes e de preferência do sexo masculino. Receio que a senhorita seja “meia” jovem para o cargo – ele disse. – Mas esse é um defeito que não demora nada a deixar de existir – acrescentou ironicamente.

Não respondi nada, porque, se fizesse isso, eu provavelmente teria falado demais. Portanto, fui tão doce e amável quanto qualquer um dos Pringle poderia ser e me contentei em olhar serenamente para ele e pensar comigo mesma: “Velho rabugento e preconceituoso!”.

Jen deve ter herdado a inteligência da mãe, de quem me surpreendi gostando. Na presença dos pais, Jen foi um modelo de bom comportamento. No entanto, embora suas palavras fossem gentis, o tom de voz era insolente. Cada vez que ela dizia “senhorita Shirley”, fazia isso de um modo que parecia estar me insultando; e sempre que olhava para meu cabelo, eu sentia que ele era exatamente da cor de uma cenoura. Nenhum Pringle, posso garantir, jamais admitiria que meu cabelo é castanho-avermelhado.

Simpatizei bem mais com os Morton Pringle, apesar de o senhor Morton nunca ouvir realmente nada do que você fala. Ele lhe diz alguma coisa e em seguida, enquanto você está respondendo, já está ocupado em elaborar seu próximo comentário.

A senhora Stephen Pringle – conhecida como “a viúva Pringle” (Summerside está repleta de viúvas) – me escreveu ontem; uma carta respeitosa, amável... e venenosa: “Millie tem dever de casa em excesso. Ela

é uma criança frágil e não deve ser sobrecarregada. O senhor Bell *não* mandava tarefas para casa. Millie é sensível, precisa ser *compreendida*. O senhor Bell a entendia tão bem!”. A senhora Stephen termina a carta dizendo que está certa de que também vou ser compreensiva... “se tentar”! Não tenho a menor dúvida de que ela pensa que fui responsável pelo sangramento no nariz de Adam Pringle durante a aula, hoje, o que fez com que ele voltasse para casa mais cedo.

Além de tudo, acordei no meio da noite passada e não consegui dormir de novo, porque me lembrei de um “i” no qual não pus o pingo quando escrevi uma pergunta na lousa. Tenho certeza de que Jen Pringle notou isso e que sussurros a esse respeito vão percorrer o clã inteiro.

Rebecca Dew garante que todos os Pringle, exceto as velhas senhoras de Maplehurst, vão me convidar para jantar e depois me ignorar para sempre. Como são a “elite”, isso pode significar que talvez eu seja socialmente banida de Summerside. Bem, é o que vamos ver. A batalha teve início, mas ainda não está vencida ou perdida. Mesmo assim, me sinto triste por tudo isso, pois não se pode argumentar com o preconceito. E continuo sendo como era na infância: não suporto que as pessoas não gostem de mim. Não é nem um pouco agradável pensar que as famílias de metade de meus alunos me detestam, e que não tenho culpa disso. O que mais me dói é exatamente a *injustiça*. E aí estão mais itálicos, Gilbert! Acho que o itálico, às vezes, ajuda a expressar os sentimentos.

Deixando os Pringle de lado, posso dizer que estimo muito meus alunos. Há alguns que são inteligentes, ambiciosos e esforçados, e que estão realmente interessados em obter uma boa educação. Lewis Allen paga sua hospedagem com *tarefas domésticas* na pensão e não tem nenhuma vergonha disso. Já Sophy Sinclair cavalga sem sela, na velha égua cinzenta do pai, por dez quilômetros para ir à escola e mais dez na volta para casa, todos os dias. Isso me dá coragem! Se posso ajudar uma garota assim, devo me importar com os Pringle?

O problema é que, se eu não puder conquistar os Pringle, não vou ter muita chance de ajudar ninguém.

Porém, amo Windy Poplars. Isto aqui não é uma pensão, é um lar! E as pessoas gostam de mim, inclusive Dusty Miller, embora ele me desaprove

ocasionalmente e demonstre isso se sentando de costas para mim e virando de vez em quando um de seus olhos dourados sobre o ombro para ver como estou reagindo a isso. Tomo cuidado para não o afagar muito quando Rebecca Dew está por perto, porque isso realmente a irrita. De dia, o gato é um animal caseiro, tranquilo, contemplativo; porém, à noite, é decididamente uma criatura estranha. Rebecca diz que é porque ele não tem permissão para permanecer fora de casa depois do anoitecer. Nessas horas, ela odeia ficar no quintal chamando por ele e diz que todos os vizinhos riem dela. Rebecca Dew o chama em tons de voz tão altos e bravos que pode mesmo ser ouvida por toda a cidade durante um fim de tarde silencioso: “Bichano! *Bichano!* BICHANO!”. Porém, as viúvas ficariam histéricas se Dusty Miller não estivesse em casa quando elas fossem para a cama.

– Ninguém sabe o que Aquele Gato já me fez passar... *ninguém!* – Rebecca Dew se queixou comigo.

As viúvas e eu estamos nos dando muito bem. A cada dia que passa, eu as admiro mais. Tia Kate não aprecia romances, mas avisou que não vai censurar minha leitura. Por outro lado, tia Chatty adora esses livros e possui um esconderijo onde os guarda – eles são trazidos clandestinamente da biblioteca municipal – juntamente com um baralho, para jogar paciência, e tudo o mais que ela não quer que tia Kate veja. Esse lugar secreto fica sob o assento de uma cadeira, e ninguém mais, exceto tia Chatty e eu, sabe que aquilo é mais do que um mero assento. Ela compartilhou seu segredo comigo, e tenho fortes suspeitas de que tenha feito isso porque deseja que eu a ajude e seja sua cúmplice na “aquisição” dos romances.

Esconderijos não deveriam ser, de maneira alguma, necessários em Windy Poplars, pois nunca vi uma casa com tantos armários misteriosos. Entretanto, na verdade, Rebecca Dew não os deixa permanecer *totalmente* misteriosos: está sempre limpando cuidadosamente cada um deles.

– Uma casa não se mantém limpa por si mesma – ela diz, pesarosa, quando alguma das viúvas protesta.

Tenho certeza de que ela se livraria fácil e imediatamente de um romance ou um baralho se os encontrasse. Ambos são um horror para sua alma ortodoxa. Rebecca Dew costuma dizer que as cartas de baralho são os

livros do diabo, e que os romances são ainda piores. As únicas coisas que Rebecca Dew lê, além de sua Bíblia, são as colunas sociais do periódico *Montreal Guardian*. Ela adora saber tudo sobre as casas, os móveis e as atividades dos milionários.

– Imagine como seria mergulhar em uma banheira toda de ouro, senhorita Shirley – ela me disse, pensativa, certa vez.

Mas é uma ótima pessoa. Outro dia, trouxe de algum lugar uma poltrona antiga e estofada com um tecido bordado muito bonito, embora já bem desbotado. É uma cadeira de braços bastante confortável, e meu corpo se adaptou perfeitamente a ela. Quando entrou na sala com o objeto, ela disse:

– Esta é a *sua* poltrona, senhorita Shirley; vai ficar aqui para a *senhorita*.

Rebecca Dew não deixa Dusty Miller dormir sobre o assento; ela receia que os pelos dele grudem na saia que uso para trabalhar e, com isso, dê assunto para as conversas entre os Pringle.

Todas as três se interessaram muito por meu anel de pérola e pelo que ele significa para mim. Tia Kate me mostrou seu anel de noivado, cravejado de turquesas, mas lamentou não poder mais usá-lo: ficou pequeno para seu dedo. E a pobre tia Chatty me confessou, com lágrimas nos olhos, que não teve um anel de noivado, pois seu marido achava que era “um gasto desnecessário”. Nesse dia, ela estava em meu quarto banhando o rosto com leite desnatado. Ela faz isso todas as noites para rejuvenescer a pele e me fez prometer que eu manteria segredo, porque não quer que tia Kate saiba.

– Ela acharia isso uma vaidade ridícula em uma mulher de minha idade. E posso garantir que Rebecca Dew pensa que nenhuma mulher cristã deve tentar ser bonita. Eu costumava ir até a cozinha para fazer isso depois que Kate dormia, mas sempre tive medo de Rebecca Dew aparecer de repente. Ela tem ouvidos sensíveis como os de um gato, mesmo quando está dormindo. Se eu pudesse vir aqui todas as noites... Oh, obrigada, minha querida.

Descobri algumas coisas sobre nossos vizinhos de The Evergreens. A senhora Campbell (que já foi uma Pringle!) tem 80 anos. Embora eu ainda não a tenha visto, pelo que pude apurar, é uma mulher muito austera. Tem uma criada, Martha Monkman, quase tão idosa e séria quanto ela, a quem

as pessoas geralmente se referem como a “Mulher da senhora Campbell”. E tem também uma bisneta, a pequena Elizabeth Grayson, que mora com ela. A menina – sobre a qual jamais pus os olhos, apesar de já ter duas semanas que moro aqui – está com 8 anos e frequenta a escola pública, mas como ela sai de casa e volta pelos fundos, por um atalho que passa pelo portão do quintal, nunca nos encontramos. Sua mãe era neta da senhora Campbell e também foi educada por ela, pois, assim como a filha, ficou órfã muito cedo. A mãe de Elizabeth se casou com um certo Pierce Grayson, um “ianque”, como a senhora Lynde diria, e morreu quando Elizabeth nasceu. Na mesma época, o pai da garotinha teve de deixar a América imediatamente e se mudar para Paris, onde precisou assumir a administração de uma filial de sua empresa. Por isso, o bebê foi mandado para a casa da senhora Campbell. Dizem por aqui que o homem não suportava olhar para a filha, porque ela havia custado a vida de sua esposa, e que, desde então, jamais se interessou por ela. Porém, isso pode ser apenas um mexerico, já que nem a senhora Campbell nem a criada jamais abrem a boca para falar sobre ele.

Rebecca Dew acha que as duas são muito severas com a pequena Elizabeth, e que, portanto, a menina não é feliz.

– Não é como as outras crianças, é madura demais para a idade que tem. A senhorita precisa ver as coisas que ela diz às vezes. “Rebecca”, ela falou um dia desses, “já imaginou se você estivesse pronta para se deitar e de repente sentisse uma *mordida* no tornozelo?”. Não é de admirar que ela tenha medo de ir para a cama no escuro. E é obrigada a isso. A senhora Campbell argumenta que não quer covardes na casa *dela*. As duas a vigiam como dois gatos espreitam um rato e a controlam o tempo todo. Se ela faz qualquer barulho, por menor que seja, elas quase desmaiam. É “pss!, pss!” o tempo todo. Vou lhe dizer: essa menina é demasiadamente silenciada. Contudo, o que se pode fazer, não é?

Realmente não há nada a fazer.

Eu gostaria de conhecê-la. A história dela me comove. Tia Kate falou que é uma criança bem cuidada fisicamente. Na verdade, acho que tia Kate quis dizer que elas a vestem e alimentam bem, mas uma criança não pode

viver só de pão. Nunca vou me esquecer de como foi minha vida antes de Green Gables.

A propósito, vou para casa na próxima sexta-feira e quero passar dois belos dias em Avonlea. O único inconveniente é que todas as pessoas que eu encontrar vão querer saber se estou gostando de lecionar em Summerside.

Mas agora só quero pensar em Green Gables, Gilbert. No Lago das Águas Brilhantes coberto de névoa azul, nos bordos do outro lado do riacho começando a ficar vermelhos, nas samambaias praticamente douradas do Bosque Assombrado e nas sombras do pôr do sol na Vereda dos Apaixonados, lugar tão querido! Sinto em meu coração que gostaria de já estar lá, com... com... você pode adivinhar com quem?

Sabe, Gilbert, há momentos em que suspeito fortemente que te amo!



Windy Poplars,
Spook's Lane,
Summerside,
10 de outubro



“Honrado e respeitado senhor”...

Era assim que começava uma carta de amor da avó de tia Chatty. Não é incrível? Que sensação de superioridade deve ter causado no avô! Você não preferiria sinceramente isso a “Querido Gilbert”, etc.? Contudo, em geral, acho que fico contente por você não ser o avô, ou um avô. É maravilhoso pensar que somos jovens e temos a vida inteira pela frente... *juntos*, não é?

(Várias páginas foram omitidas aqui. Evidentemente, a pena da caneta de Anne não estava arranhando, entupida ou enferrujada.)

Estou sentada perto da janela da torre, contemplando as árvores que balançam sob um céu amarelado e, mais adiante, o porto. Ontem à noite fiz, sozinha, um passeio fascinante. Eu realmente precisava ir a algum lugar, pois Windy Poplars estava com uma atmosfera bem pesada. Tia

Chatty chorava na sala porque seus sentimentos haviam sido feridos; tia Kate chorava no quarto por ser aniversário de morte do capitão Amasa; e Rebecca Dew chorava na cozinha por algum motivo que não consegui descobrir. Nunca tinha visto Rebecca Dew chorar. Quando tentei diplomaticamente averiguar o que havia de errado, ela quis saber, irritada, se “uma pessoa não tem o direito de desfrutar um choro quando sente vontade”. Com isso, desisti e saí furtivamente, deixando-a à vontade com seu deleite.

Caminhei pela estrada do porto. Havia no ar gelado um aroma suave, típico de outubro, misturado ao cheiro delicioso de campos recém-arados. Fiquei andando até o crepúsculo se transformar em uma noite enluarada de outono. Eu estava sozinha, mas não me sentia solitária. Tive várias conversas imaginárias com diversos amigos fictícios e pensei em tantos poemas que fiquei agradavelmente surpresa comigo mesma. Não pude deixar de me divertir apesar de minhas preocupações com os Pringle.

Tenho vontade de dar uns berros quando penso neles. Odeio admitir isto, mas as coisas não vão nada bem em Summerside High School. Não há nenhuma dúvida de que existe uma conspiração organizada contra mim.

Em primeiro lugar, o dever de casa nunca é feito pelos Pringle; isso inclui tanto os parentes próximos quanto os mais distantes. E não adianta recorrer aos pais. Eles são sempre bem-educados, amáveis... e evasivos. Sei que os alunos que não pertencem ao clã gostam de mim, mas o vírus Pringle da desobediência está contaminando e minando os princípios morais de toda a turma.

Um dia desses, de manhã, encontrei minha mesa de pernas para o ar e com as gavetas abertas. Obviamente, ninguém soube me dizer quem tinha feito isso. E, da mesma forma, na semana passada não houve um aluno que pudesse, ou quisesse, revelar qual – ou quais – deles havia deixado sobre minha mesa uma caixa de onde pulou uma cobra artificial quando a abri. Entretanto, todos os Pringle da escola deram gargalhadas incontroláveis diante de mim, sem o menor constrangimento. Suponho que eu estava comicamente sobressaltada.

Jen Pringle chega atrasada para as aulas com bastante frequência; sempre tem alguma desculpa irrefutável comunicada gentilmente, porém

com uma expressão bastante insolente no rosto. Ela passa bilhetes para os colegas durante a aula sem sequer tentar disfarçar. E hoje, quando fui vestir meu casaco depois da aula, encontrei uma cebola descascada no bolso. Eu adoraria manter aquela garota encarcerada, vivendo apenas de pão e água, até ela aprender a se comportar.

Contudo, a pior coisa que aconteceu até hoje foi ter encontrado uma caricatura minha no quadro-negro certa manhã, toda desenhada com giz branco... com exceção do cabelo, que era *escarlata*. Todos negaram a autoria da obra, inclusive Jen, mas sei que ela é a única da classe que tem capacidade para fazer um desenho como aquele. A caricatura estava realmente bem-feita. Meu nariz, que, como você bem sabe, sempre foi para mim um motivo de orgulho e alegria, estava deformado; e minha boca era semelhante à de uma velha solteirona mal-humorada que lecionou por trinta anos em uma escola repleta de alunos que faziam parte do clã dos Pringle. Mas era *eu*. Naquela noite acordei às 3 horas da madrugada e sofri profundamente com a lembrança. Não é estranho pensar que as coisas que nos fazem sofrer durante a noite raramente são muito terríveis? Geralmente são apenas humilhantes.

Estão dizendo por aqui todos os tipos de coisas a meu respeito. Sou acusada de “diminuir” as notas dos testes de Hattie Pringle só porque ela é uma Pringle. Falam que me divirto “quando as crianças cometem erros”. (Bem, eu ri *mesmo* quando Fred Pringle definiu um centurião como “um homem que viveu cem anos”. Não pude evitar.)

James Pringle anda comentando que não há disciplina na escola que dirijo... “absolutamente *nenhuma* disciplina”. E está circulando por aqui um boato de que fui “uma criança abandonada”.

Além de tudo isso, já começo a me deparar com o antagonismo dos Pringle em outros setores. Não é só em relação à educação: socialmente, também, parece que Summerside está sob o domínio deles. Não é de admirar que sejam chamados de a “família real”.

Não fui convidada para a caminhada festiva promovida por Alice Pringle na sexta-feira passada. E quando a senhora Frank Pringle organizou um chá com o objetivo de arrecadar fundos para um projeto da igreja (Rebecca Dew me contou que as senhoras da paróquia planejam

“construir” uma nova torre para o sino!), fui a única presbiteriana da região a não ser convidada. Ouvi dizer também que a esposa do pastor, que chegou a Summerside há pouco tempo, sugeriu meu nome para integrar o coral e foi informada de que, se isso acontecesse, todos os Pringle deixariam o coro e ele ficaria tão prejudicado que simplesmente não poderia sobreviver.

É claro que não sou a única professora que tem problemas com os alunos. Quando meus colegas mandam os deles à minha sala para serem “disciplinados” (como detesto essa palavra!), a metade desses estudantes é Pringle. No entanto, nenhum jamais reclama dos professores.

Dois dias atrás, segurei Jen na escola depois da aula para fazer algumas tarefas que ela havia deliberadamente deixado incompletas. Dez minutos depois, a charrete de Maplehurst parou em frente à escola, e a senhorita Ellen – uma mulher idosa, com um sorriso doce no rosto e um nariz curvado para baixo, lembrando o bico de um falcão, vestida elegantemente e usando luvas delicadas de renda preta; uma mulher que parecia pronta para uma festa em 1840 – veio até a porta. Disse que sentia muito, mas precisava levar Jen: ia visitar amigos em Lowvale e havia prometido que a garota iria com ela. Jen saiu triunfantemente, e eu me dei conta, mais uma vez, da existência de forças reunidas contra mim.

Em meus momentos de pessimismo, penso que os Pringle são o resultado de uma mistura dos Sloane com os Pye. Entretanto, sei que isso não é verdade. Percebo que eu poderia gostar deles, se não fossem meus inimigos. Quase todos são honestos, alegres e leais. Talvez eu nutrisse alguma estima até pela senhorita Ellen. Quanto à senhorita Sarah, nunca a vi; dizem que já faz dez anos que não sai de Maplehurst.

– É delicada demais... ou pensa que é – disse Rebecca Dew, com um suspiro. – Contudo, não pense que ela não é altiva. Todos os Pringle são orgulhosos, mas aquelas duas velhas superam qualquer um. A senhorita precisa ouvi-las falar sobre seus antepassados... Bem, o pai delas, o velho capitão Abraham Pringle, *era* um bom homem. Seu irmão, Myrom, nem tanto, mas os Pringle não falam muito sobre ele. Sabe, tenho medo de que a senhorita tenha dificuldades com todos eles. Quando decidem sobre algo

ou alguém, jamais mudam de ideia. Mantenha a cabeça erguida, senhorita Shirley. Mantenha a cabeça erguida!

Outro dia, tia Chatty me disse, melancólica:

– Eu queria muito a receita de pão da senhorita Ellen. Ela já me prometeu isso várias vezes, mas nunca cumpre. É uma receita antiga de família. Os Pringle são tão egoístas com relação a essas coisas...

Em sonhos extravagantes, fora de meu controle, me vejo obrigando a senhorita Ellen a entregar, de joelhos, a tal receita para tia Chatty e forçando Jen a ser uma boa menina. Gilbert, o que me deixa mais frustrada é saber que eu poderia facilmente fazê-la comportar-se bem se todo o clã não estivesse apoiando sua má índole.

(Duas páginas omitidas.)

Sua obediente serva,

Anne Shirley

P.S.: Era assim que a avó de tia Chatty assinava suas cartas de amor. ✉

17 de outubro



Ouvimos falar hoje que houve um assalto no outro lado da cidade ontem à noite. Os ladrões entraram na casa e roubaram dinheiro e uma dúzia de colheres de prata. Rebecca Dew foi procurar o senhor Hamilton imediatamente, para pedir um cachorro emprestado. Ela quer deixá-lo preso na varanda dos fundos, e já me aconselhou a esconder meu anel de noivado!

A propósito, descobri por que Rebecca Dew chorou. Parece que houve uma desavença doméstica. Dusty Miller foi “desobediente mais uma vez”, e Rebecca Dew falou com tia Kate que sua paciência com Aquele Gato havia chegado ao limite; algo teria de ser feito. Ela não suportava mais. Disse que foi a terceira vez em apenas um ano e sabia que ele fazia aquilo de propósito. Então, tia Kate falou que, se Rebecca Dew deixasse o gato sair sempre que miasse, não haveria motivo para ele se comportar mal.

– Ora, esta é a gota d’água que faltava! – indignou-se Rebecca Dew.

Consequentemente, lágrimas!

A situação com os Pringle piora a cada semana. Ontem alguém escreveu algo bastante ofensivo em um de meus livros, e depois da aula Homer Pringle percorreu todo o corredor dando cambalhotas. Além disso, recebi recentemente uma carta anônima cheia de insinuações maldosas detestáveis. Contudo, por alguma razão, não culpo Jen nem pelo que foi escrito em meu livro nem pela carta. Ela é uma menina endiabrada, mas há coisas que não se rebaixaria a fazer. Rebecca Dew está furiosa, e eu estremeço ao pensar no que ela faria com os Pringle, se pudesse; acho que nem Nero^{*****} desejaria coisas piores. Mas, na verdade, não a culpo, pois há momentos em que sinto que eu mesma poderia oferecer alegremente, a cada um de todos eles, uma dose da poção envenenada de Bórgia.^{*****}

Ainda não lhe falei muito sobre os outros professores. São dois: a vice-diretora, Katherine Brooke, e George MacKay. Tenho pouco a contar sobre George. É um rapaz tímido, simpático e de boa índole. Tem 20 anos e um leve e agradável sotaque das terras altas da Escócia que me faz pensar em pastos nas montanhas e ilhas cobertas de névoa. O avô dele era da ilha de Skye. George é um ótimo professor, e, até onde o conheço, gosto dele. Entretanto, receio que seja difícil sentir o mesmo por Katherine Brooke.

Katherine é uma moça de uns 25 anos, imagino, embora pareça ter 35. Ouvei dizer que nutria esperanças de ser promovida a diretora e suponho que esteja ressentida com o fato de eu ter sido nomeada para o cargo, especialmente porque sou mais jovem que ela. É boa professora – um pouco autoritária demais –, mas não tem popularidade nenhuma, e não se importa com isso. Ao que tudo indica, não tem amigos nem parentes e se hospeda em uma casa de aspecto sombrio na pequena e suja Temple Street. Não se veste com elegância, não frequenta eventos sociais e tem fama de sovina. Katherine é bastante sarcástica, e os alunos temem seus comentários cruéis. Fiquei sabendo que a maneira pela qual ela ergue as sobrancelhas grossas e negras e o modo como fala com eles – lentamente e prolongando as vogais – os deixam intimidados e assustados. Às vezes sinto vontade de usar esses métodos com os Pringle, mas sei que não gostaria de controlá-los pelo medo, como ela faz. Quero que meus alunos me amem.

Embora não tenha aparentemente nenhuma dificuldade para discipliná-los, ela manda alguns de seus alunos para mim com frequência, especialmente os Pringle. Não duvido que faça isso deliberadamente e percebo, com tristeza, que ela se alegra com minhas dificuldades e ficaria contente em me ver desesperada.

Rebecca Dew pensa que ninguém consegue ser amigo de Katherine Brooke. As viúvas a convidaram várias vezes para o jantar de domingo. Essas almas queridas vivem fazendo isso pelas pessoas solitárias e sempre têm a mais deliciosa salada de frango para oferecer. Contudo, Katherine nunca veio, e, por fim, elas desistiram. Afinal, como tia Kate costuma dizer, “existem limites para tudo”.

Há rumores de que ela é muito inteligente, além de recitar (“declamar”, como diz Rebecca Dew) e cantar magnificamente, mas se recusa a fazer essas coisas. Certa vez, tia Chatty sugeriu que recitasse em um evento da igreja, mas Katherine rejeitou o convite.

– Achamos que ela se negou muito indelicadamente – disse tia Kate.

– Apenas rosnou – Rebecca Dew acrescentou.

Katherine Brooke tem uma voz profunda e rouca – uma voz quase masculina – que soa realmente como um rosnado quando ela está mal-humorada.

Não é bonita, mas poderia se embelezar um pouco. Tem a pele morena e um cabelo negro lindo que, no entanto, está sempre puxado para trás da testa alta, enrolado e preso desajeitadamente na nuca. Os olhos, por serem castanhos em um tom bem claro, não combinam com o cabelo nem com as sobrancelhas escuras. Katherine tem orelhas das quais não precisa se envergonhar, e suas mãos são as mais bonitas que já vi. Além disso, a boca é bem delineada. Porém, ela se veste terrivelmente mal. Parece que tem o dom de escolher exatamente as cores e estampas que não deveria usar: tons escuros de verde e sombrios de cinza que não combinam com a cor de sua pele; e listras que fazem sua silhueta alta e magra ficar ainda *mais* alta e *mais* magra. E o pior de tudo é que ela sempre dá a impressão de que dormiu com as roupas que está vestindo.

Suas atitudes são repulsivas. Rebecca diria que ela está sempre “com a avó atrás do toco”. Todas as vezes em que passo por Katherine na escola,

sinto que ela está pensando coisas horríveis a meu respeito. E, quando falo com ela, me dá a sensação de que eu disse a coisa errada. Acho que ela realmente me detesta, mas, apesar de tudo, e sabendo que me odiaria furiosamente por isso, tenho pena de Katherine Brooke. No entanto, não posso fazer nada para ajudá-la, pois ela não quer ser ajudada.

Um dia, quando estávamos os três na sala dos professores, fiz algo que aparentemente transgrediu uma das “normas não escritas” da escola, e Katherine disse sarcasticamente:

– Talvez a senhorita pense que está acima das regras.

E em outra ocasião, após eu ter sugerido algumas mudanças que considerava boas para a escola, ela falou, com um sorriso sarcástico:

– Não estou interessada em contos de fadas.

Houve também o dia em que fiz algum elogio a seu trabalho e a um de seus métodos, e ela me respondeu:

– O que a senhorita pretende com isso?

Contudo, o que mais me aborreceu foi... Bem, uma vez, quando peguei por acaso um livro dela na sala dos professores e olhei para a primeira folha, comentei:

– Fico contente em ver que a senhorita escreve seu nome assim. Katherine com “K” é muito mais interessante do que com “C”. Afinal, “K” é uma letra muito mais simpática do que o soberbo “C”.

Ela não disse nada, mas no documento seguinte que escreveu para mim assinou “Catherine Brooke”.

Espirrei durante todo o caminho de volta para casa.

Eu certamente desistiria de tentar conquistá-la se não tivesse uma intuição estranha e inexplicável de que, por trás de toda a sua rispidez e indiferença, ela se sente solitária.

Gilbert, nessa convivência com o antagonismo de Katherine e a conspiração dos Pringle, não sei o que seria de mim se não fossem suas cartas, a estimada Rebecca Dew... e a pequena Elizabeth.

Sim, conheci a pequena Elizabeth. Ela é encantadora!

Três dias atrás, no final da tarde, levei o copo de leite dela até a abertura do muro e, no lugar da “Mulher da senhora Campbell”, a pequena Elizabeth estava lá pessoalmente para pegá-lo. Sua cabeça apareceu acima

*image
not
available*



*image
not
available*

Tivemos uma catástrofe aqui anteontem. Dusty Miller passou a noite inteira fora, apesar dos berros de “Bichanoooo!” que Rebecca Dew soltou no quintal. E, quando ele reapareceu pela manhã... Oh, que aparência tinha aquele gato! Um olho estava completamente fechado, e havia um inchaço do tamanho de um ovo em sua mandíbula. O pelo estava duro por causa da lama grudada, e uma das patas tinha sido mordida. No entanto, você precisava ver o ar triunfante, e nada arrependido, que Dusty Miller tinha no olho bom. As viúvas ficaram horrorizadas, mas Rebecca Dew exclamou, radiante:

– Aquele Gato jamais teve uma boa briga em sua vida, antes. Aposto que seu adversário está com uma aparência bem pior do que a dele!

Há uma neblina pairando sobre o porto esta noite, ofuscando a estrada vermelha que a pequena Elizabeth quer explorar. Ervas e folhas estão sendo queimadas em todos os jardins da cidade, e a combinação de fumaça e névoa vem transformando Spook’s Lane em um lugar encantado, misterioso e fascinante. Está ficando tarde, e minha cama não para de me dizer que é hora de dormir. Finalmente me acostumei a subir os degraus para chegar até a cama, à noite, e a descê-los, de manhã. Oh, Gilbert, nunca contei isso a ninguém, mas é engraçado demais para manter em segredo por mais tempo: na primeira manhã em que acordei em Windy Poplars, me esqueci completamente dos degraus e saltei alegremente da cama. No mesmo instante, “me esborachei no chão”, como diria Rebecca Dew. Felizmente, não quebrei nenhum osso, mas tive hematomas que duraram uma semana inteira.

A pequena Elizabeth e eu já somos muito boas amigas. Ela vem todo fim de tarde buscar seu leite, pois a Mulher está de cama com o que Rebecca Dew chama de “buronquite”. Sempre a encontro esperando por mim – com os olhos grandes cheios da luz do crepúsculo – diante do vão sobre a porta verde no muro. Ali, cada uma de um lado da porta, que não é aberta há anos, mantemos nossa conversa. Elizabeth bebe seu leite tão lentamente quanto possível, para prolongar nosso tempo juntas. E infalivelmente, quando ela toma a última gota, vêm as batidas na janela atrás dos abetos.

com formato arredondado, mais comprido do que largo. Foi Rebecca Dew que o pôs lá; por isso, perdoei-a pela caneta: não existe nada que aquela mulher não possa resolver. Sempre que chego da escola, ela já deixou o fogo aceso para mim. É o menor de todos os fogões que já vi: eu poderia segurá-lo nas mãos. E me lembra um cachorro pequeno, preto e atrevido, de pé sobre as quatro patas arqueadas de ferro. Entretanto, quando você o enche de lenha e acende o fogo, é como se uma flor rosada desabrochasse à sua frente, emitindo um calor maravilhoso. Oh, Gilbert, você não imagina como é aconchegante! Estou sentada diante do fogo, agora, com os pés sobre esse pequeno aquecedor, escrevendo esta carta, que está apoiada sobre meus joelhos.

Todas as outras pessoas de Summerside – ou quase todas – estão em um baile na residência da família Hardy Pringle. Não fui convidada. Rebecca Dew está tão furiosa por isso que eu não gostaria nem um pouco de estar na pele de Dusty Miller. Contudo, quando me lembro da filha do anfitrião (Myra, uma garota na qual sobra beleza e falta inteligência) tentando provar, em um exame, que os “anglos” da base do triângulo isósceles são diferentes, perdoo todo o clã Pringle. Além disso, na semana passada, ela incluiu “árvore genealógica” em uma lista de árvores! Porém, para não ser injusta, devo dizer que nem todos os erros grosseiros são cometidos apenas pelos Pringle. Recentemente, Blake Fenton definiu um jacaré como um “inseto gigante”. Esses são detalhes da vida de uma professora!

Parece que vai nevar esta noite. Gosto de fins de tarde que anunciam neve. “O vento sopra na torre e na árvore”,^{*****} e a última folha dourada dos álamos vai ser levada por ele hoje.

Acho que já fui convidada para jantar em todos os lugares – isto é, nas casas de todos os meus alunos, tanto na cidade quanto no campo. E, oh, Gilbert querido, estou *tão* enjoada de conserva de abóbora! Nunca, nunca permita que tenhamos conserva de abóbora em nossa casa dos sonhos.

Em quase todos os jantares a que fui no último mês, comi conserva de abóbora – vou chamar de C.A. a partir de agora. Na primeira vez, adorei; ela estava tão dourada que senti como se estivesse comendo raios do sol em conserva e, imprudentemente, fiz elogios entusiásticos. Logo em seguida, a informação de que amo C.A. se espalhou por Summerside, e todos

falado que havia muitos membros da família Pringle por lá; várias gerações deles vinham sendo enterrados ali, e assim continuaria a ser até que “não coubesse mais nenhum deles” e o clã fosse obrigado a recorrer ao cemitério novo. Anne pensou que certamente seria encorajador ver que tantos Pringle se encontravam onde não poderiam mais aborrecer ninguém.

Quanto à parte da família ainda viva, Anne sentia que estava no limite de suas forças e de sua paciência. Toda aquela situação ficava cada vez mais parecida com um pesadelo. A campanha sutil de insubordinação e desrespeito que Jen havia promovido tinha finalmente chegado a um ponto em que alguma atitude teria de ser tomada.

Na semana anterior, Anne havia pedido a seus alunos que escrevessem uma redação com o título: “Os acontecimentos mais importantes da semana”. Jen Pringle escreveu um texto brilhante – a pestinha *era mesmo* inteligente – e inseriu nele um insulto aparentemente dissimulado a sua professora; entretanto, a provocação estava tão óbvia que foi impossível ignorá-la. Então, Anne mandou Jen para casa dizendo que ela teria de se desculpar antes de ter permissão para voltar à escola.

E foi esse o fato que desencadeou a crise: a partir dali, a guerra entre Anne e os Pringle estava declarada. A pobre professora não tinha a menor dúvida a respeito de quem a venceria. Logicamente, os administradores da escola apoiariam os Pringle, e ela teria de escolher entre deixar Jen retornar ou ser convidada a renunciar a seu cargo.

Anne se sentiu bastante amargurada; afinal, tinha dado o melhor de si e poderia ter sido bem-sucedida se no mínimo lhe tivessem dado a chance de lutar.

“Não tenho culpa”, pensou tristemente. “*Quem* poderia ter sucesso contra aquele clã e suas táticas?”

Mas como voltaria derrotada para Green Gables? Como enfrentaria a indignação da senhora Lynde e o júbilo dos Pye? Até mesmo a solidariedade dos amigos seria angustiante. E, quando a notícia de seu fracasso em Summerside se espalhasse, ela nunca mais conseguiria um cargo em qualquer outra escola.

se tornar uma estrela. Vinte anos depois, Sophy Sinclair seria uma das atrizes mais prestigiadas da América. Mesmo assim, é bastante provável que nenhum aplauso tenha soado tão maravilhosamente bem em seus ouvidos quanto as palmas calorosas que acompanharam o fechamento das cortinas naquela noite no clube social da cidade.

De volta em casa, o senhor James Pringle contou para Jen uma história que teria feito os olhos da filha ficarem verdes, se eles já não fossem dessa cor. Pelo menos uma vez, como Rebecca disse, satisfeita, Jen teve sua punição. E o resultado final foi o insulto na composição sobre os acontecimentos importantes da semana.

Anne caminhou até o antigo cemitério por uma alameda esburacada, entre pedras altas cheias de musgo e samambaias cobertas de geada. Álamos-pretos esguios e pontiagudos, dos quais os ventos de novembro ainda não haviam arrancado todas as folhas, cresciam a intervalos regulares, contrastando com a cor de ametista das colinas distantes. O cemitério, com metade de suas lápides inclinadas, dando a impressão de que poderiam cair a qualquer momento, era cercado por uma fileira de pinheiros altos e sombrios.

Ela não esperava encontrar ninguém por lá e ficou surpresa quando se deparou com a senhorita Valentine Courtaloe – com seu nariz comprido e delicado, sua boca fina e suave, seus ombros frágeis ligeiramente inclinados para a frente e seu ar habitual e invencível de donzela requintada – assim que atravessou o portão. É claro que Anne, assim como todos em Summerside, conhecia a senhorita Valentine. Era a modista da cidade, e o que ela não sabia sobre as pessoas dali, vivas ou mortas, não valia a pena ser levado em consideração.

No fundo, Anne tinha desejado andar sozinha pelo cemitério, ler os epitáfios antigos e estranhos, decifrar os nomes de amantes esquecidos debaixo dos musgos que cresciam sobre as lápides. Porém não teve escapatória quando a senhorita Valentine a tomou pela cintura e passou a fazer as honras do cemitério, onde havia evidentemente tantos membros da família Courtaloe enterrados quanto dos Pringle. A senhorita Valentine não

chapéu, mas várias pessoas sempre me garantiram que a história é verdadeira. A senhorita supõe que seja?

– Acredito que tudo que venha de um Pringle possa ser verdade – Anne declarou amargamente.

A senhorita Valentine apertou solidariamente o braço da moça.

– Sinto muito pela senhorita, sinceramente. A forma como a tratam é horrível. Contudo, em Summerside, não existe só a família Pringle, senhorita Shirley.

– Às vezes, penso que sim – Anne sorriu, pesarosa.

– Não, não é verdade. Existem aqui muitas pessoas que desejam ver a senhorita vencê-los. Não desista de seus planos, independentemente do que eles façam. O fato é que o velho Satanás se apoderou deles, e os Pringle são muito unidos. Estão agindo dessa maneira porque a senhorita Sarah queria muito que o primo ficasse com o cargo da senhorita na escola. Agora, olhe, os Nathan Pringle estão *aqui*. Nathan sempre achou que sua esposa tentava envenená-lo, mas parecia não se importar: dizia que isso tornava a vida mais emocionante. Uma vez, ele suspeitou que ela havia colocado arsênico em seu mingau e, então, foi até o chiqueiro e deu a comida para um porco, que morreu três semanas depois. Porém, ele disse que poderia ter sido apenas uma coincidência e que, além do mais, nem tinha certeza de que o porco que morreu era o mesmo que comera o mingau. Por fim, a mulher faleceu antes do marido, e ele afirmou que, exceto por aquele fato, ela tinha sido uma ótima esposa. Creio que seria uma espécie de caridade acreditar que ele estava enganado sobre o arsênico, não seria?

– “Consagrado à memória da *senhorita Kinsey*” – Anne leu, admirada. – Que inscrição extraordinária! Ela não possuía nenhum outro nome?

– Se tinha, ninguém nunca soube – a senhorita Valentine explicou. – Ela veio de Nova Escócia e trabalhou para a família de George Pringle por quarenta anos. Quando chegou, apresentou-se como “senhorita Kinsey”, e todos a chamavam assim. Morreu de repente, e então se descobriu-se que ninguém sabia seu primeiro nome e que não tinha nenhum parente ou amigo que pudesse ser encontrado. Por isso, puseram esse nome em sua lápide. George Pringle lhe proporcionou um bom funeral e pagou pelo monumento. Ela era uma criatura leal e trabalhadora, e, se a senhorita a



Capítulo VI



Fiz um *tour* pelo cemitério hoje, durante o crepúsculo, *Anne* escreveu em uma carta para *Gilbert* depois que chegou a *Windy Poplars*. Acho *tour* uma palavra encantadora, e a uso sempre que posso. Parece esquisito dizer que apreciei meu passeio pelo cemitério, mas ele foi realmente agradável. Os casos que a senhorita *Courtaloe* me contou são muito interessantes. Como tragédia e comédia se misturam na vida, *Gilbert*! A única coisa que me deixou verdadeiramente assombrada foi a história do casal que viveu junto por cinquenta anos odiando um ao outro o tempo todo. Não consigo acreditar que eles compartilhavam mesmo esse sentimento. Alguém já disse que “o ódio é unicamente o amor que se perdeu no caminho”. Tenho certeza de que por trás desse rancor eles se amavam profundamente, da mesma maneira que eu amei você durante todos os anos em que pensei que o odiava. E penso também que a morte deve ter mostrado isso a eles. Estou feliz porque *eu* descobri isso em vida.

*image
not
available*

vezes como seria o resto daquele dia. Ela estava cansada e sonolenta, pois o jantar na igreja tinha terminado tarde. Wilfred tinha de ajudar nas tarefas domésticas, e não havia sequer um livro à vista na casa. Então ela se lembrou do velho baú de marinheiro que tinha visto no fundo do corredor do segundo andar e do pedido que a senhora Stanton lhe havia feito.

Ela estava escrevendo um livro sobre Prince Edward Island e havia indagado se Anne conhecia ou sabia onde encontrar diários ou documentos antigos que pudessem ser úteis às suas pesquisas.

– É lógico que os Pringle têm muitos que me interessam – ela explicou –, mas não posso pedir a eles. A senhorita sabe que os Pringle e os Stanton nunca foram exatamente amigos.

– Também não posso, infelizmente – Anne falou.

– Oh, não espero que faça isso. Tudo o que desejo é que a senhorita fique com os olhos bem atentos quando for visitar as casas de outras pessoas e, caso veja ou ouça falar sobre documentos ou mapas antigos, ou objetos desse tipo, peça que me emprestem, por gentileza. A senhorita não imagina quantas coisas interessantes já encontrei em diários velhos: são fragmentos da vida real que fazem os pioneiros da colonização reviverem. Quero conseguir essas informações para meu livro, além de estatísticas e árvores genealógicas.

Anne perguntou à senhora Bryce se eles possuíam esse tipo de registros do passado. A mulher balançou a cabeça.

– Num sei de nenhum, não... oh, *perai!* – seu rosto se iluminou. – Lembrei do baú antigo de tio Andy que *tá lá incima*. Pode ter alguma coisa nele. Tio Andy *custumava* navegar com o velho capitão Abraham Pringle. Vou lá fora perguntar *pro* Duncan se a *sinhurita* pode *abrir ele*.

Duncan mandou dizer que sim, a *sinhurita* Anne poderia vasculhar o baú o quanto quisesse e, se encontrasse algum *ducomento* que lhe interessasse, ela poderia se apossar dele. De qualquer modo, o senhor Bryce pretendia mesmo queimar o conteúdo daquela arca e transformá-la em uma caixa de ferramentas.

Portanto, foi o que Anne fez; mas tudo o que ela encontrou que realmente despertou sua atenção foi um diário de viagem amarelado que Andy Bryce parecia ter mantido durante todos os anos que passou no mar.

Myrom estava apenas debochando de Andy Bryce... Andy era *tão* crédulo! Entretanto, todas as pessoas que não fazem parte de nossa família vão adorar acreditar nisso. Então, a senhorita compreendeu que nos tornaríamos alvo de chacota... ou algo pior. Oh, a senhorita é muito esperta; temos de admitir *isso*. Jen vai pedir desculpas e se comportar bem de hoje em diante. Eu, Sarah Pringle, garanto-lhe que vai. Se a senhorita prometer que não vai contar nada para a senhora Stanton, nem para qualquer outra criatura, fazemos qualquer coisa que pedir... *qualquer* coisa.

Enquanto falava, a senhorita Sarah apertava nervosamente o lenço de renda fina na pequena mão cheia de veias azuis salientes; estava visivelmente trêmula.

Anne olhou para ela, perplexa... e horrorizada. As pobres e “queridas” velhinhas pensaram que Anne lhes havia feito uma ameaça!

– Oh, as senhoritas se enganaram totalmente quanto à minha intenção – ela disse, pegando, comovida, as mãos da senhorita Sarah. – Nunca, em momento algum, imaginei que pudessem pensar que eu estava tentando... Não, só achei que gostariam de saber alguns detalhes interessantes das viagens de seu esplêndido pai. Jamais pensei em mostrar ou contar essa história ou qualquer outra do diário a ninguém. *Nunca* vou fazer isso. Para mim, elas não têm absolutamente nenhuma importância.

Houve um momento de silêncio. Depois, a senhorita Sarah soltou gentilmente suas mãos, passou o lenço nos olhos e se sentou de novo, com um leve rubor no rosto fino e enrugado.

– Nós... nós a interpretamos *mal*, minha querida. E temos sido... temos sido abomináveis em relação à senhorita. Pode nos perdoar, senhorita Shirley?

Meia hora depois – uma meia hora que quase matou Rebecca Dew de tanta ansiedade –, as senhoritas Pringle foram embora. Nesse intervalo, tinha havido na sala uma troca amigável de ideias e uma conversa sobre registros corriqueiros do diário de bordo de Andy. Já na porta da frente, prestes a sair, a senhorita Sarah, que, diga-se de passagem, não havia apresentado o menor problema de audição durante o encontro, virou-se por um momento e tirou da bolsa um papel preenchido com uma escrita delicada e graciosa.

previ que aconteceria se me dessem uma chance. Até já começo a suspeitar que, mais cedo ou mais tarde, vou me flagrar gostando de Jen. Ela pode ser cativante quando quer, e está evidente que quer.

Ontem à noite, confrontei o leão em seu próprio covil; em outras palavras, subi corajosamente os degraus da porta da frente de The Evergreens e caminhei até a varanda quadrada, onde há quatro urnas brancas de ferro, uma em cada canto. Toquei a campainha, e, quando a senhorita Monkman abriu a porta, perguntei-lhe se me emprestaria a pequena Elizabeth para darmos um passeio. Obviamente, eu esperava uma resposta negativa, mas a Mulher entrou, conversou com a senhora Campbell, voltou à porta e disse severamente que Elizabeth poderia ir; apenas pediu, por favor, que eu não a mantivesse fora de casa até tarde. Fico me perguntando se até a senhora Campbell recebeu ordens da senhorita Sarah.

Elizabeth desceu a escada escura dançando; lembrava um duende, com um casaco vermelho e um pequeno gorro verde, e parecia tão alegre que mal conseguia falar.

– Estou tão agitada e emocionada, senhorita Shirley! – ela sussurrou assim que saímos dali. – Hoje sou Betty... sempre sou Betty quando me sinto assim.

Fomos o mais longe que ousamos na Estrada que Leva ao Fim do Mundo, e em seguida voltamos. O porto – escuro sob um pôr do sol avermelhado – parecia repleto de indícios de terras da fantasia abandonadas e ilhas misteriosas em mares desconhecidos. Fiquei comovida e percebi que o mesmo aconteceu com a pequena criatura cuja mão eu segurava.

– Se corrêssemos bem depressa, senhorita Shirley, conseguiríamos entrar no pôr do sol? – ela quis saber.

Isso me fez lembrar Paul e suas fantasias a respeito da terra do pôr do sol.

– Temos de esperar pelo Amanhã antes de podermos fazer isso – respondi. – Veja, Elizabeth, aquela ilha dourada de nuvem bem acima do cais do porto; vamos imaginar que é sua Ilha da Felicidade!

– Existe uma ilha por ali, em algum lugar – Elizabeth falou sonhadoramente. – O nome dela é Nuvem Alada. Não é um nome



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.